

Na Suíça, FHC vai divulgar privatizações

Empresários europeus voltam seus olhos para o Brasil, visto como opção de investimento após a crise financeira no Leste asiático

Assis Moreira
de Berna

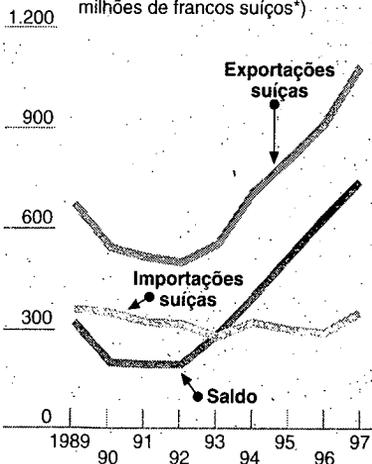
O presidente Fernando Henrique Cardoso inicia amanhã uma visita oficial de dois dias à Suíça, em um momento em que investidores internacionais voltam-se para as economias emergentes da América Latina diante da crise financeira dos países asiáticos. O resultado mais esperado da visita é que ela ajude a despertar o interesse dos empresários nas privatizações brasileiras.

"A visita ocorre num momento crucial, porque a apreciação dos empresários na Europa está mudando", afirma Christoph Etter, presidente da multinacional da maquinaria Sulzer (que fechou o ano passado com um faturamento de US\$ 4,2 bilhões). "É muito importante que seja o próprio presidente que venha transmitir sua mensagem econômica e política, para consolidar a confiança dos empresários internacionais no Brasil".

Etter, também presidente da Câmara de Comércio Suíça-América Latina, em Zurique, explica que há seis meses todo o mundo, inclusive na Suíça, tinha os olhos voltados para o Extremo Oriente. "Era a fascinação geral, mas com a crise asiática, hoje o país emergente que mais interessa é o Brasil, pelas melhores possibilidades de investimentos e de negócios", diz.

Relações econômicas

(Entre a Suíça e o Brasil - em milhões de francos suíços*)



Fonte: Governo suíço
* 1 dólar = 1,23 franco suíço

Fernando Henrique é o primeiro presidente brasileiro que visita oficialmente a Suíça, apesar de as relações diplomáticas terem se iniciado em 1819, há 179 anos. Há 12.137 suíços morando no Brasil e 5.758 brasileiros vivendo na Suíça, oficialmente. A minúscula Suíça é hoje o quinto maior investidor estrangeiro no Brasil, com US\$ 5,8 bilhões, depois dos Estados Unidos, Alemanha, Grã-Bretanha e Japão. Os investimentos suíços se concentram na indústria (90%)

— sobretudo química, farmacêutica e alimentar — e nos serviços (9,2%).

No comércio bilateral, o Brasil acumula déficit. No ano passado, exportou US\$ 278 milhões (+21,1%), mas importou quase o triplo, num total de US\$ 878 milhões, amargando um déficit de US\$ 600 milhões. Enquanto o Brasil limita-se a um comércio tradicional de produtos agrícolas (carne e derivados, suco de laranja, café, tabaco), papel e metais, a Suíça exporta principalmente produtos químicos e máquinas.

"As estatísticas não dizem tudo", garante Christoph Etter. "A Suíça não tem acesso direto ao mar, e assim o aço que compra do Brasil desembarca em Hamburgo e é registrado como importação alemã. O mesmo ocorre por exemplo com o café que desembarca em Rotterdam, na Holanda".

O fato, em todo caso, é que o intercâmbio da Suíça com a América Latina é insignificante. Representa escassos 0,5% de suas importações e 2,1% de suas exportações. Em contrapartida, a Suíça exporta 61% para a União Européia — da qual não é membro — e importa 79%.

A situação da balança comercial bilateral certamente só pode mudar mesmo com uma modificação do perfil das exportações brasileiras, sublinha um especialista em Berna. "O que

Comércio bilateral

(Em milhões de francos suíços*)

Principais bens de exportação (pela Suíça)	1995	1996	Variação (em %)	Part. (em %)
Produtos químicos	281,2	351,8	25,1	38,7
Máquinas	292,6	268,6	-8,2	29,6
Produtos farmacêuticos	89,4	130	45,4	14,3
Instrumentos/aparelhos	37,8	36,8	-2,6	4,1
Relógios	33,8	31,0	-8,4	3,4
Principais bens de importação	1995	1996	Variação (em %)	Part. (em %)
Produtos agrícolas**	165,5	160,8	-2,9	56,7
Produtos farmacêuticos	23,1	31,4	35,9	11,1
Metais e produtos metálicos	34,5	28,1	-18,3	9,9
Papel	26,6	21,8	-18,1	7,7
Têxteis	14,3	10,2	-28,1	3,6

Fonte: Governo suíço. * 1 dólar = 1,23 franco suíço (média do ano passado). ** Carne e derivados, suco de frutas, café e tabaco

o Brasil pode vender para esse pequeno mercado senão continuar com carne e suco de laranja", pergunta.

Mas as perspectivas parecem bem melhores, quando se trata de atrair no-

vos investimentos da indústria suíça, sobretudo de pequenas e médias empresas. "O interesse de companhias de máquinas, de produtos de consumo e de informática aumentaram enorme-

mente em relação ao Brasil", garante o presidente da Câmara de Comércio Suíça-América Latina.

De fato, diz ele, o que se pode esperar de concreto como resultado da visita de Fernando Henrique é que, enfim, as empresas suíças se decidam a participar do processo de privatização no Brasil. "Lamentavelmente, até agora a Suíça não participou de maneira ativa nas privatizações, mas estou certo de que temos oportunidades únicas nas áreas de eletricidade ou de infra-estrutura", diz.

No lado oficial, em todo caso, não haverá realmente nada. O único tratado que deveria ser assinado em Berna, sobre transporte aéreo, foi repentinamente tirado de pauta por iniciativa do Itamaraty. O tratado deveria garantir a não bi-tributação das empresas aéreas e também aumentava o número de vôos autorizados, de 7 para 9 por semana. Swissair, por exemplo, planeja novo vôo para o Brasil em um ano, diante da crescente demanda.

Se a visita oficial não tem maior impacto, limitando-se a discussão sobre cooperação e integração regional na Europa e na América Latina, a continuação da viagem de FHC será certamente mais agitada, nos encontros em Davos, nos Alpes orientais suíços, durante o Fórum Mundial de Economia.